

Nos Acréscimos

As Táticas do Museu do Futebol

Entenda como o Museu faz com que seus visitantes mergulhem na cultura, associada ao futebol

MUSEU DO FUTEBOL

NA PRANCHETA

Museu é pioneiro em Acessibilidade/ Conheça o Projeto de integração Social do Museu do Futebol

A Esquadra contra o Preconceito/ No mês da Consciência Negra recorde os craques que quebraram barreiras

Fundação Cafu/ Projeto do craque da seleção oferece oportunidades a jovens de sua comunidade

PUBLICIDADE





A partir desta edição inaugural, elaboramos um trabalho jornalístico que tem a pretensão de ser um diferencial em relação a outros veículos de mídia existentes no mercado esportivo que estão pautados pelo factual. Hoje, no Jornalismo Esportivo, existe um apelo por destacar o lado célebre e mais sensacionalista enquanto os assuntos sobre o esporte no Brasil – especialmente, o futebol, a paixão nacional – caberia uma abordagem mais cultural. Tal abordagem é comprometida por apuração que busca quando muito o furo noticioso a respeito de fatos isolados e personalidades do futebol.

Nos Acréscimos foi criada e produzida para ser uma revista mensal e que sirva como uma extensão de um equipamento cultural que é o Museu do Futebol, sempre sob uma perspectiva educativa, histórica, cultural e social sobre a própria Instituição e sobre o futebol. Nosso propósito central é produzir um conteúdo de qualidade, que, inclusive de uma forma descontraída, responda a dúvidas e exigências dos visitantes do Museu sobre esse fascinante universo que é o futebol e sobre o papel exercido pela Instituição.

Enfatizamos, neste trabalho, projetos relacionados ao futebol – este visto como motivador e agente de transformação cultural e social -, que beneficiam muitas pessoas, graças ao protagonismo de ONGs e outras instituições ligadas ao futebol, como o próprio Museu cuja ação é movida por um sentimento humanitário da parte de seus organizadores.

Nas páginas que se seguem, são apresentadas não só histórias do futebol brasileiro e promoções do Museu, como também manifestações culturais e de promoção social que querem suscitar a reflexão do leitor sobre o esporte como expressão de uma cultura e de seus valores.

Por tudo isso, bem-vindo ao Museu do Futebol e boa leitura!

Carta do Leitor

Neste primeiro lance, queremos aproximar os leitores interessados em dialogar com nossa equipe. Pois no futebol todos tem sua opinião sobre o trabalho desenvolvido por seus organizadores e para não “jogar para escanteio” a interação que o Museu do Futebol possibilita escreva para nós, por meio do contato:

cartadoleitor_nosacrescimos@gmail.com

Coordenação

Professor Luis Henrique
Marques

Diagramação e Arte

Jean Cleber

Jornalistas Responsáveis

Raphael dos Santos
Vasconcelos da Silva
Tupinamba da Silva
Lombardi

Reportagem

Raphael dos Santos
Vasconcelos da Silva
Tupinamba da Silva
Lombardi

Fotografia

Assessorias
Raphael dos Santos
Vasconcelos da Silva
Tupinamba da Silva
Lombardi

Design Gráfico

Jean Cleber

Tiragem

5

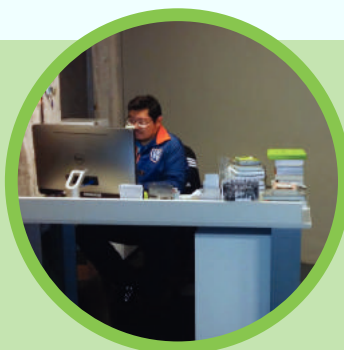
Impressão e Distribuição

UNI 10 COPIADORA

Emoção

Entrevistas

- O espaço que sintoniza a emoção - 6
- Um sonho que virou realidade - 8
- Planejamento e trabalho em equipe surtem bons resultados ao Museu - 9



História

Nos Vestiários

- As Táticas do Museu do Futebol - 12
- Método exclusivo define a logística do Programa de Visitas do Museu - 15

Editoria Reportagens

- Fundação Cafu - 17
- Estrangeiros invadem o Museu do Futebol Brasileiro - 20
- Ta na Área é pra Guardar - 22
- A Esquadra Contra o Preconceito - 24
- Museu do Futebol é Pioneiro em Acessibilidade - 27

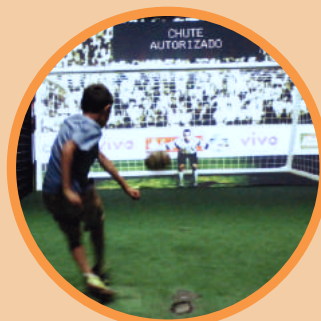


Diversão

- Férias no Museu reúne várias Gerações - 33

Seção Curiosidades

- E se o Si jogasse? - 36
- Seção Interativa para as crianças jogos - 38





O ESPAÇO QUE SINTONIZA A EMOÇÃO

MEMÓRIA DO RÁDIO ESPORTIVO NO BRASIL TEM ESPAÇO GARANTIDO NO MUSEU DO FUTEBOL

POR RAPHAEL VASCONCELOS

Na Primeira Guerra Mundial, a comunicação via rádio ganhou força e, após o fim do conflito, as ondas de rádio passaram a ser utilizadas para o entretenimento da população. No mesmo período, o futebol cresceu e, anos mais tarde, começou a fazer parte de suas

transmissões radiofônicas. No Brasil, desde então, muitos locutores e artistas se tornaram ícones do rádio, seja por transmissões de notícia, seja por conta das radio novelas ou em razão da música popular. Boa parte dessa história conquistou um espaço em uma sala no

Museu do Futebol. No Brasil, a primeira transmissão de rádio ocorreu em 1922, com o discurso de apresentação do novo meio de comunicação pelo então presidente da República, Epitácio Pessoa. Já a primeira partida de futebol que se tem registro foi transmitida integralmente na data de 19 de julho de 1931. “Do campo do São Paulo da Floresta, Nicolau Tuma transmitiu pela Rádio Educadora Paulista a vitória por 6 X 4 da Seleção Paulista sobre a Paranaense pelo

8º Campeonato Brasileiro de Futebol”, afirma Max Gehringer em uma edição especial da revista Placar, de novembro de 2005. Era o início da parceria de duas das paixões dos brasileiros: o rádio e o futebol. No primeiro caso, este se popularizou, inclusive, pela maneira dinâmica de narrar os jogos.

No início, os locutores eram chamados de speakers, pois o futebol, além de ser considerado de elite, não traduzia os termos em inglês que foram incorporados de seu país de origem, a



Inglaterra. Tanto que na primeira partida citada por Max Gehringer, o narrador Nicolau Tuma ficou conhecido por “Speaker Metralhadora”.

Outra característica que diferencia dos tempos atuais é que os locutores da época faziam as narrações das arquibancadas, junto aos torcedores, pois não existiam cabines ou espaços dedicados a estes profissionais. Segundo Alfredo Santos (Fred), apresentador, produtor e técnico da Rádio USP, de São Paulo, a radiodifusão no Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer no sentido de se adaptar às novas tecnologias, embora ele considere isso absolutamente natural para

“O RÁDIO É DINÂMICO E TEM FACILIDADE DE ADAPTAÇÃO. ASSIM QUE APARECERAM AS EMISSORAS DE TV, OS ARTISTAS MIGRARAM PARA O NOVO VEÍCULO E, NEM POR ISSO, ELE DEIXOU DE FAZER PARTE DA VIDA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA. HOJE, ACONTECE O MESMO, DESDE O SURGIMENTO DO FENÔMENO INTERNET”

esse veículo. “O rádio é dinâmico e tem facilidade de adaptação. Assim que apareceram as emissoras de TV, os artistas migraram para o novo veículo e, nem por isso, ele deixou de fazer parte da vida da população brasileira. Hoje, acontece o mesmo, desde o surgimento do fenômeno internet”. O rádio tem a capacidade de criar públicos fieis. É o caso, por exemplo, das donas de casa. Elas passam o tempo todo

sintonizadas. Acordam, trabalham e vão se deitar na companhia do rádio, tal qual um amigo cotidiano. Com o rádio, as mães de família rezam, ouvem suas músicas preferidas e se informam sobre os preços dos produtos, política, saúde etc.

Outro público fiel é o dos motoristas profissionais. Estes utilizam o rádio para enfrentarem o trânsito, em geral, caótico nas grandes cidades. Já os amantes do esporte, muitas vezes, não abrem mão do seu pequeno aparelho de rádio, inclusive, dentro dos estádios para melhor acompanhar os detalhes das partidas de futebol. No que dizem respeito à tecnologia,

os dirigentes das emissoras de rádio têm aderido aos recursos disponíveis no mercado para ampliar o alcance e qualidade de transmissão. É o caso da internet. Com este recurso, o veículo que já era popular entre certos grupos de pessoas, sobretudo mais adultos, mantém sua popularidade também entre as gerações mais novas, além de assumir uma posição importantíssima na prestação de serviço,

o que é de interesse de qualquer público. De fato, a tendência do rádio para os anos vindouros é de acompanhar lado a lado a aparição das novas tecnologias como sempre tem feito. Veio a TV, a internet, as redes sociais e o rádio está sempre inovando e ampliando a interatividade com seus ouvintes por meio de aplicativos nos smartphones, por exemplo.

Com a palavra, o mestre

José Silvério tem mais de cinquenta anos de narração radiofônica no país do futebol. Profissional brilhante, possui a incrível facilidade em se tratando de emocionar até o torcedor menos entusiasmado. Da cabine do estádio e diante do microfone, este narrador dá um show de bola.

Por seu talento, Silvério ganhou o direito de marcar presença no Museu do Futebol. É que tem lugar garantido na sala do Rádio com uma emblemática narração de um gol da quebra do “jejum” de títulos corinthianos, no ano de 1977. Em entrevista a *Nos Acréscimos*, José Silvério conta mais sobre sua carreira:

Nos Acréscimos: Quando e por que você escolheu ser narrador de Futebol?

José Silvério: Desde oito anos de idade. Foi uma paixão repentina e ainda tenho um

grande amor pelo que faço.

N.A.: Em algum período da sua carreira de narrador você teve problemas ou dificuldades em atuar na sua profissão?

J.S.: O começo, como tudo na vida, foi difícil.

N.A.: Como era fazer rádio na época em que você iniciou?

J.S.: Era mais difícil, por conta das condições técnicas, como falta de equipamentos e uma telefonia quase inexistente.

N.A.: Em função do avanço tecnológico, o que você observou ter mudado em termos de narração?

J.S.: Houve grande melhoria técnica, mais concorrência e o futebol infinitamente mais rápido. Além de tudo, a TV nos vigia muito.

N.A.: Você já sonhou um dia ter seu trabalho gravado na história do esporte?

J.S.: Olho sempre pra frente, sem pensar que tenho importância histórica.

N.A.: Do seu ponto de vista, defina o rádio até os dias atuais.

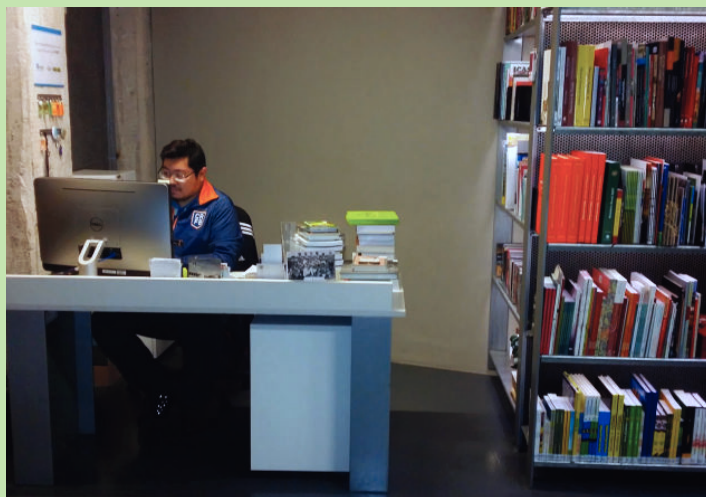
J.S.: O rádio foi e será sempre um grande companheiro. É sem igual.

Segundo Fred, que a do rádio no país, ele ganhou tanta importância que nos estádios era objeto de entendimento

O SONHO QUE SAIU DO PAPEL

A HISTÓRIA DO COLABORADOR QUE AGARROU A OPORTUNIDADE DE JUNTAR OS LIVROS AO FUTEBOL

Por Raphael Vasconcelos



No futebol muitos jovens têm o sonho de se tornar profissionais com a bola nos pés deixando os estudos para se dedicar na realização deste sonho. Porém descobrimos no Museu um jovem que sonhou o futebol com os livros nas mãos encaixando suas duas paixões, o esporte e a leitura. Trata-se do Bibliotecário Ademir Takara que saltou para defender seu ideal espalhando pra escanteio todas as dificuldades que apareceram no jogo da vida.

Com o passar dos anos o garoto apaixonado pelo futebol e torcedor do São Paulo se formou em História e Biblioteconomia pela USP, para depois se tornar funcionário da prefeitura. E foi neste momento que ele relacionou como titular o sonho de trabalhar em uma biblioteca de livros sobre o Futebol. O Centro de Referência do Futebol Brasileiro, sempre esteve presente no Museu do Futebol mesmo antes do início da sua construção, pois, já se pensava na criação de uma biblioteca para ele. Foi então que no ano de 2011 que o CRFB começou a tomar forma. Nesta época começa a chegar os primeiros estudiosos, mais precisamente em Julho. Ademir Takara che-

garia neste mesmo ano, alguns meses mais tarde. Desta maneira é iniciada a composição da futura biblioteca do Museu. Após muitas pesquisas e buscas por materiais iconográficos, chegamos ao ano de 2013 quando finalmente este espaço é inaugurado e o público passa a ter um local privilegiado para realizar suas pesquisas ou até reservar algumas horas para viajar na história com as publicações sobre o futebol brasileiro encontrado ali.

Nesta matéria fica provado que um sonho pode ser realizado se o cultivarmos no coração, e o perseguir incansavelmente. Pois desde garoto, com oito anos de idade Ademir que nunca pisara num estádio de futebol, tinha certo, uma paixão em seu peito o futebol. Que o diga seu pai que via todos os seus jornais de domingos tendo o caderno de esportes, "devorado" pelo pequeno Ademir, que recortava as matérias e as colecionava. Como se não bastasse naquela época já existia uma revista chamada Placar com a qual ele também se deliciava aprendendo sobre uma das maiores paixões brasileiras.

Anos mais tarde já na uni-

versidade, todo esse interesse pelo futebol se tornaria um louvável trabalho de conclusão de curso. Takara finalmente reúne o material de mais de dez anos de uma inocente pesquisa e prova que nesta vida devemos amar o que fazemos acima de tudo. Uma vez formado, primeiro em História e depois em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo, Ademir Takara se torna funcionário da prefeitura municipal de São Paulo e vai trabalhar como bibliotecário e ali permanece por três anos. Neste período a prefeitura cria as bibliotecas temáticas, são as bibliotecas especializadas: a do bairro do Ipiranga especializada em cinema, a da Rua Henrique Schaumann sobre poesia, a do Tatuapé de contos infantis e outra especializada em música. "Quando eu soube disso comecei a pensar, porque não uma biblioteca especializada em futebol? Ou em esportes?"

Assim a sorte grande bate a porta e sem exitar o bibliotecário segue o seu destino com a oportunidade da sua vida nas mãos. O Museu do Futebol enviava um e-mail com a informação disponibilizando uma vaga para bibliotecário do CRFB. Enfim o sonho se torna realidade.

Já em curso a biblioteca recebeu mais de 80 pessoas em um dia e todos foram recepcionados e atendidos de acordo com suas necessidades. Perguntado ao coordenador do CRFB Pedro Sant'Anna, 28 so-

bre o alcance de referência da Biblioteca, ele nos disse: "Trata-se também de um local de encontro e de trabalho. Pois a pesquisa e o acervo produzido por ele alcançaram índices de qualidade e quantidade que já chamaram a atenção de toda a comunidade especializada. Ocasionalmente parcerias com grandes instituições acadêmicas, como USP e FGV, além de trabalhos conjuntos com outras instituições nacionais e internacionais, como o SESC e os National Football Museum de Glasgow e Manchester".

Atualmente a biblioteca disponibiliza mais de 1700 títulos impressos e um banco de dados que torna dinâmico o contato por meio da internet com arquivos públicos e privados. O CRFB (Centro de Referência do Futebol Brasileiro) funciona de terça a sábado das 10h00min às 17h00min. Com acesso direto pelo elevador atrás do Bar Brahma (com a aquisição do crachá na bilheteria do Museu do Futebol) ou pelo percurso de visita à sala da Dança do Futebol. Em dias de jogos no estádio do Pacaembu consulte o horário de funcionamento no site do Museu do Futebol.



Entrada do Centro de Referência



CRFB Biblioteca e Midiateca a sala abriga dezenas de livros e computadores de última geração em ambiente climatizado



Executivo do Museu do Futebol, Sr. Luiz Bloch, acompanha consulado americano durante a Copa do Mundo

Planejamento e trabalho em equipe surtem bons resultados ao Museu

Por Tupinambá da Silva

A Copa do Mundo é sem dúvida um dos maiores eventos esportivos do mundo e, sempre que um país se torna sede de um evento desta magnitude, as organizações públicas, privadas e a sociedade em geral se mobilizam no intuito de receber as comitivas esportivas e também uma avalanche

de turistas que vem de toda parte do território nacional e do mundo.

O Museu do Futebol foi uma dessas entidades que se preparou para receber as várias nações que se instalaram no Brasil durante os jogos mundiais, segundo Luiz Laurent Bloch, diretor executivo do Museu. "Em novembro de 2013, foi iniciada uma série de

A Direção do Museu do Futebol conta sobre seu planejamento até os Jogos Olímpicos de 2016

reuniões semanais, envolvendo a diretoria e a coordenação do Museu, com a finalidade de encontrar a melhor forma de receber o público que, sem dúvida, seria muito grande durante o evento" OLHO DA MATÉRIA, conta o diretor. A ideia era garantir a qualidade no serviço de informações fornecidas ao visitante, associando conforto e segurança para essas pessoas. FOTO 1

Foi colocada em prática uma série de medidas para evidenciar a existência do Museu na cidade de São Paulo, especialmente por meio dos meios de comunicação. Uma exposição temporária foi montada com início previsto para

antes da Copa e que perdurou durante o campeonato. A mostra foi denominada "Brasil 20 Copas" e consistiu numa produção muito bem humorada, com grandes nomes do futebol brasileiro como os ex-jogadores Serginho Chulapa e Pepe (craque do histórico time do Santos, de Pelé), além de jornalistas.

O governo do Estado providenciou a iluminação da fachada do Estádio do Pacaembu, o que valorizou a edificação que, além de histórica, é um marco da cidade de São Paulo. FOTO 2 Já com o Projeto "Vestir o Museu" foi realizada toda uma caracterização na fachada, com um enorme ade-

sivo de gol em várias línguas, na passarela que liga os lados Leste e Oeste do Museu, assim como bandeiras de todas os países participantes da Copa na estrutura externa. Outra atração foi a adaptação do anfiteatro que se tornou um lounge (local moderno e sofisticado), no qual foram realizadas as transmissões de vários jogos da Copa em TVs de última geração. FOTO 3

Para o atendimento, houve a contratação de receptivos temporários que dominassem diferentes idiomas. Algumas dessas pessoas, posteriormente, foram efetivadas.

Em hotéis foi passada a dimensão da importância do Museu do Futebol para o Turismo e para os próprios hotéis, agências de turismo, consulados, assessorias de imprensa específicas, o que aumentou o quadro de comunicação da instituição. Isso tudo valorizou ainda mais a imagem do Museu na agenda cultural de São Paulo. FOTO 4

Para o ano de 2015, o objetivo do MF é conquistar benefícios com a aplicação do projeto anual da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, e o projeto da lei de incentivo cultural do Estado de São Paulo, Proac.

Já para 2016, o Museu do Futebol está de olho na Arena Corinthians Allianz Parque (Parque Antártica) e no estádio do Morumbi como espaços de divulgação do MF, já que é possível que alguns jogos das Olimpíadas aconteçam nestes locais. OLHO DA MATÉRIA—

Segundo a direção do Museu, o resultado de todo esse trabalho foi a satisfação dos visitantes demonstrada com toda organização da estrutura e preparação que foi feita especialmente pelos colaboradores do Museu. Para o colaborador Ivo Rodolpho, a opinião dos estrangeiros em relação ao Museu do Futebol foi uma só: “Todos foram unânimes em afirmar que nunca viram coisa parecida em seus países de origem”.



Iluminação especial para o Mundial



Fachada recebe adesivos da palavra gol em diversas línguas.



Ivo Rodolpho trabalhou como receptivo temporário durante o evento

PUBLICIDADE



As Táticas do Museu do Futebol

Saiba qual é a estrutura básica de planejamento que a Instituição criou para receber seus visitantes

Por Raphael Vasconcelos

Em um país mestiço, de origens europeia, indígena e africana, cultua-se um esporte que combina toda essa miscigenação, o futebol. Este cresceu e se desenvolve dos cantos mais humildes até os mais glamorosos, consagrando craques até os levar ao status de heróis dos torcedores. Todo este trajeto de mais de um século do futebol se encontra em uma área de 6900 m² abaixo das arquibancadas verde e amarela do Estádio Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Estádio do Pacaembu.

No entanto, retratar tantos acontecimentos marcantes do futebol brasileiro não foi tarefa fácil. Os organizadores do espaço tiveram que utilizar critérios específicos para elencar de que forma seriam expostas cada informação ou objeto das exposições permanentes (de longa duração) e as itinerantes (ou temporárias). Mas o Museu do Futebol quis ir, além disso, mostrando as influências deste esporte na vida das pessoas fora dos estádios.

A curadoria do Museu do Futebol, então chefiada por Leonel Kaz, estabeleceu como eixos temáticos Emoção, História e Diversão ao distribuir seu acervo. Com isso, ele fez um



Diretora Daniela Alfonsi

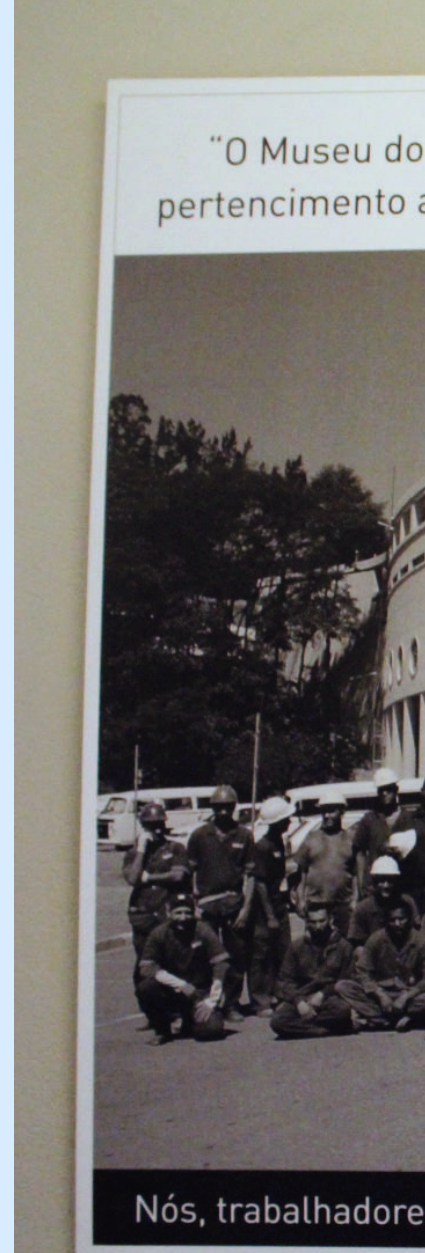
recorte dos conteúdos em seu acervo permanente segundo esses três eixos.

Dirigido, hoje, por uma OS (Organização Social), o IDBrasil, o Museu do Futebol tem como diretora técnica (ou de conteúdo), Daniela Alfonsi, que já trabalhava no Museu há alguns meses antes de sua inauguração no ano de 2008. Ela assumiu essa função a convite da então diretora de conteúdo, Clara Azevedo, que, na época, também acumulava o cargo de

diretora executiva e de coordenadora de documentação e pesquisa e exposições. A partir de sua saída em 2013, Daniela assumiu o cargo em Janeiro daquele ano, então nomeada pelo conselho de administração. Daniela Alfonsi esclarece que, dentro deste recorte dos eixos, o da Emoção vem primeiro, porque, antes de tudo, o esporte desperta paixões, mesmo em quem não entende de futebol. Esse espaço tem início pela sala da Grande Área, logo

no Hall de entrada, onde são expostos objetos de colecionadores que revelam justamente esse laço afetivo dos torcedores com o futebol.

Passando por outras três salas, chega-se a Sala dos Gols, onde 27 narradores, entre jornalistas e personalidades, falam sobre o gol que marcou suas vidas. Esse espaço costuma despertar no visitante lembranças agradáveis do momento de sua vida em que se deu aquele instante mágico do futebol. Na sequência, ao mudar de ambiente, o visitante entra num espaço que lembra uma caverna escura - bem emblemática neste contexto da emoção - : é a Sala da Exaltação. "Esta faz com que vivamos a sensação de estar no meio da torcida, com um som alto, vendo rostos e corpos sendo projetados", conta Daniela Alfonsi.



Futebol serve de exemplo para a tese de devolver ao brasileiro o sentimento de uma origem comum, a um desejo de construção de um ideal de país.” José Serra



s e torcedores, construímos este museu para celebrar, com orgulho, o futebol do Brasil.

Dizendo que a experiência permite ao visitante ter a sensação de estar no meio da torcida, ali, no calor da arquibanda.

Na parte que consiste o eixo da História, que se inicia na Sala das Origens e vai até a Sala das Copas, o Museu retrata a história do futebol e sua relação com a história do Brasil ao longo do século 20.

Na Sala das Origens, é mostrada a forma com a qual o povo brasileiro se apropria do futebol desde o início do século. Naquele período, o futebol era visto como um esporte era elitista, restrito aos brancos. E foi assim até que os clubes tive-

ram que deixar regras preconceituosas de lado e passaram a aceitar negros, mestiços e operários entre seus atletas.

Nesta sala, é possível testemunhar também a evolução do país, desde a implantação da indústria e o crescimento populacional que começou a transformar a vida urbana brasileira e coincidiu com o surgimento dos primeiros grandes clubes de futebol.

O acervo busca identificar em que momento o povo assimilou sua identidade brasileira. Antes disso, a elite e os intelectuais caracterizavam limitavam-se a caracterizar a identi-

dade nacional por suas origens europeias, notadamente portuguesas. Não valorizávamos a mistura de raças que constituem o povo brasileiro até que essa mudança começasse a partir da década de 1930.

No meio desse processo histórico, o futebol contribuiu para criar a ideia de uma identidade brasileira, pela primeira vez na nossa história. Além disso, outros elementos contribuíram para a construção dessa identidade brasileira, tais como os símbolos nacionais genuinamente brasileiros; o samba, a capoeira, entre outras expressões, especialmente valorizadas pelos artistas modernistas como Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral.

A essa altura, o futebol já tinha caído no gosto popular e atraía o interesse das massas as quais já contavam com seus

ídolos como os negros Leônidas da Silva e o Domingos da Guia, considerados os melhores jogadores desta época. Ambos têm o seu próprio “lugar da fama” dentro do Museu do Futebol: a Sala dos Heróis.

Na Sala das Copas, o eixo da História se encerra de forma original, levando o visitante a percorrer um “túnel do tempo”, onde é apresentada a memória de fatos marcantes pelo mundo nos anos das Copas de 1930 a 2010. Após isso, o Museu faz uma homenagem aos maiores craques da história do nosso país, Garrincha e Pelé.

Essa homenagem é a “deixa” para que o visitante passe para o chamado Eixo da Diversão do MF. Uma passarela com a visão da Praça Charles Miller, iniciada na Sala dos Números e Curiosidades, passando pelas mesas de Pebo-

NO MEIO DESSE PROCESSO HISTÓRICO, O FUTEBOL CONTRIBUIU PARA CRIAR A IDEIA DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA, PELA PRIMEIRA VEZ NA NOSSA HISTÓRIA



lim, conduz o visitante para a Porta do Pacaembu (Visão do Estádio na Arquibancada Verde), Dança do Futebol até chegar ao famoso Chute a Gol. FOTOS, ARTE SEQUENCIAL 5,6,7,8 Ali, o visitante pode medir a velocidade de seu chute em uma cobrança de pênalti. A visita termina com uma vista à sala em homenagem ao Estádio do Pacaembu.

Todo esse acervo foi organizado segundo um projeto de comunicação visual, onde cada detalhe foi pensado para proporcionar uma experiência corporal, de diversidade de ambientação e fácil absorção de informações, enfim, uma visita confortável.

Exemplos de aplicação desse projeto são as salas claras e as escuras, o “container” que é a Sala do Rito de Passagem a qual remete a imigração do início do século e da fonte DIN (estilo de letra adotada pelo MF), que é utilizada nos textos em todo o Museu. “De origem alemã, a fonte DIN foi utilizada primeiro nas estações ferroviárias de transporte urbano. Simples e direta com o objetivo de facilitar a comunicação, que foi estabelecida pela direção de arte do Museu” explica Daniela Alfonsi.

Todo esse projeto ajuda os educadores do Museu do Futebol no preparo de seus roteiros de abordagem da temática do acervo que os responsáveis dos grupos agendados escolhem antecipadamente. “Estes eixos auxiliam muito, porque geralmente os Museus de história ou de Arte se restringem ao tema”, esclarece o educador José Rodrigues Neto.

Segundo ele, “esse ‘tripé’ abre um diálogo, dando um gancho para trabalhar outros assuntos com mais pessoas”. Perguntado sobre como os grupos se comportam, José Rodrigues afirma que estes ambientes causam uma expectativa, aguçam a curiosidade, encantam pela nostalgia de suas recordações, o que faz com que o grupo desfrute de cada explicação.

Método exclusivo define a logística do Programa de Visitas do Museu

Por Tupinambá da Silva

O Museu do Futebol oferece um atendimento especializado aos seus visitantes. Para isso, a Instituição trabalha constantemente com o compromisso de aprimorar a relação entre o público e seus colaboradores. Diariamente, vários grupos vêm conhecer o espaço expositivo, a partir de visitas agendadas ou espontâneas. E, para agilizar o seu atendimento, é aplicada uma metodologia própria para que as expectativas dos visitantes sejam atendidas.

As visitas com os educadores se dão com o agendamento antecipado. Assim que o Museu recebe a solicitação, são tomadas as providências para que o grupo seja recebido. Com data e horário pré-definidos, porém, a visita educativa inicia muito antes de o grupo chegar ao Museu. Um colaborador responsável pelo agendamento de grupos providencia um formulário confirmando a visita. Este documento possui um questionário que busca levantar informações sobre o grupo e a instituição da qual faz parte. Após essa etapa, é definido qual educador(a) irá atender determinado grupo. São definidas também quais tipos de informações e/ou cuidados devem ser tomados para atender cada grupo visitante. Por exemplo: quais os temas de abordar; se há alguém com algum tipo de deficiência; o perfil desses grupos etc. Com esse subsídio, será planejado o acompanhamento dos visitantes, determinando o roteiro a ser aplicado e quais serão os materiais de apoio utilizados. Porém, independentemente



Educadores interagem com as crianças, já na recepção externa

das visitas, esses educadores estão constantemente pesquisando o acervo do Museu. Eles utilizam este conhecimento para realizar o atendimento ao público realizando uma “ponte” entre o conteúdo do Museu e o visitante. Sua ação propõe a construção conjunta do saber, atentando sempre às individualidades do público que recebe. Esta construção se dá por meio de propostas em salas específicas, roteiros de visita, jogos e atividades, contação de história, materiais de apoio e outras propostas de intervenção no espaço expositivo. A intenção é instigar o visitante a “viver” o museu e ter a sensação de pertencimento. E não apenas visitá-lo. FOTO 2

Todo agendamento é feito para o mês posterior. “A grade de agendamento é aberta no primeiro dia útil de cada mês e os grupos só poderão ser agendados nos horários referentes ao mês seguinte”, informa a responsável pelos agendamentos, Luana Lopes, assistente

administrativa do Museu. Para os grupos que chegam espontaneamente ao Museu do Futebol, o acesso é fácil e simples. O seu responsável deve se dirigir até a bilheteria, se identificar e adquirir os ingressos, nesse momento um orientador é informado da chegada do grupo, que fará a coleta de dados do grupo junto ao responsável. A partir disso, é feita uma organização de subgrupos nos quais cada um deverá possuir um responsável, o número de cada subgrupo é de no máximo 25 pessoas. Assim, de acordo com o fluxo dos visitantes espontâneos e dos grupos agendados, esses iniciam a visita ao Museu gradativamente. Ainda na parte externa, o orientador(a) faz um acolhimento com apresentação geral do Museu e informa sobre algumas regras de visita-ção. Uma vez que estes grupos

estão na Grande Área (primeiro espaço a ser visitado), é feito um acolhimento no qual são passadas curiosidades (pesquisadas por eles) a respeito do Museu, estádio ou futebol.

Aderindo a um processo de sociabilização e reintegração social, o Museu, por intermédio do programa de visitas, tem recebido, com frequência, instituições como a Fundação Casa. A Fundação, por sua vez, busca

com essa iniciativa apresentar uma nova realidade aos menores infratores. Muitos desses internos sequer entra-

ram em um museu em toda a sua vida. Eles relutam ao saber da possibilidade de uma visita assim, segundo Robson Fioreth, professor de Educação Física. “A princípio, eles têm uma resistência, mas, ao conhecer, sua opinião muda muito. Normalmente, eles têm a ideia que só tem coisas velhas

NORMALMENTE, ELES TÊM A IDEIA QUE SÓ TEM COISAS VELHAS PARA VER. APÓS A VISITA, SAEM COM OUTRA VISÃO

para ver. Após a visita, saem com outra visão". Segundo dados do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), até o ano de 2009, já existiam 2.970 museus no país. Já de acordo com uma pesquisa feita pelo do site Le Monde Diplomatique Brasil, o brasileiro parece estar mais interessado em conhecer esses espaços: foram 15 milhões de visitas registradas em 2003, saltando para 33 milhões em 2009. O número é considerado significativo pelo diretor do Ibram na época, José do Nascimento Junior. "Os dados mostram que quando o Estado brasileiro e os governos investem na qualificação das estruturas e do pessoal, a população responde", garante o diretor ao se referir às iniciativas que ocorreram no período como a Política Nacional de Museus (em 2003) e a própria criação do Ibram (2009). O interno I.V., de 16 anos, da Fundação Casa Unidade Arujá, comentou que nunca havia estado em um museu e que gostou de visitar o Museu do Futebol. Ele disse também ter aprendido histórias do futebol brasileiro e achou curiosas as bolas de futebol antigas. Mas, o que lhe chamou a atenção mesmo foi o estádio do Pacaembu que pode ser visto do Museu. Afirmou também, que se divertiu com o espaço do Chute a Gol, que mede a velocidade da bola. I.V. não esconde que sempre que ouvia falar em museus, a primeira coisa que lhe vinha a mente era um monte de coisas velhas e antigas constata. Mas que o Museu do Futebol não se associa a este rótulo.

Acesse o site e veja um panorama dos museus no Brasil.



SERVIÇO:

Os agendamentos são realizados exclusivamente através dos telefones (11) 3661-1407 ou (11) 3661-2273 de segunda a sexta, das 8h30 às 12h30. O Museu não faz pré-reservas.



Garotos aprendem indicando jogadores estrangeiros referente ao país de origem no Mapa.



Grupo tira as dúvidas com Rodrigo Leal, Orientador e Ademir Supervisor da Orientação.



Orientador David Valtter reúne o grupo para passar as regras da visita.



Foto: Fundação Cafu

Projeto do capitão do Penta gera transformação social

Fundação Cafu atua na promoção humana de crianças e adolescentes do Jardim Irene, na periferia de São Paulo

Por Tupinambá da Silva

O surgimento das ONGs (Organizações Não Governamentais) em nível internacional data da década de 1940 e passaram por três períodos. Num primeiro momento sua atuação foi ideológica, com o foco no desenvolvimento de comunidades e pela filantropia como instrumentos de combate à pobreza e construção da paz. O segundo foi caracteri-

zado pelas lutas de resistência ao autoritarismo e de democratização. E o terceiro está centrado na ideia de parceria e voluntariado como possíveis saídas para a crise do “estado de bem estar social” e o avanço das políticas neoliberais.

No Brasil, as ONGs vêm crescendo desde a década de 1970, considerado seu período fundacional. Na década

seguinte, essas organizações viveram um momento de expansão, atrelada à construção da sua identidade. Já a década de 1990 foi marcada pelo movimento de globalização e pela atuação das ONGs como atores sociais. Essas entidades buscam constantemente promover o bem estar social das comunidades onde estão instaladas. Um fato e um pro-

blema na sua realidade é que o trabalho dessas instituições não é fácil, pois, elas dependem diretamente de patrocínios para conseguirem realizar investimentos em seus projetos. OLHO DA MATÉRIA vindos da iniciativa privada, de doações ou de convênios com os poderes públicos municipais, estaduais ou federais. Muitas dessas organizações atuam em

comunidades com projetos que englobam esportes, artes, cursos profissionalizantes etc.

No caso da Fundação Cafu, por exemplo, o futebol é utilizado como ferramenta de socialização, estimulando o trabalho em equipe e o respeito mútuo de um modo educacional. FOTO1 Localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo, a Fundação Cafu atua há 10 anos auxiliando os moradores da região do Jardim Irene. Adolescentes com idade entre 3 e 18 anos tem a oportunidade de um desenvolvimento profissional e intelectual. O objetivo é transformar a realidade de vida dessas pessoas e de suas famílias, dando a elas um incentivo para alcançarem os sonhos que almejam.

Marcos Evangelista de Moraes (Cafu) atuou como lateral na seleção brasileira de futebol e em vários clubes brasileiros e europeus. Graças a sua carreira vitoriosa, hoje a Fundação conta com o incentivo de parceiros que ajudam na manutenção do projeto. E também com a promoção de eventos beneficentes com os quais são obtidos recursos para o desenvolvimento das suas ações.

Histórico e atividades

Criada no ano de 2001, a instituição começa a ganhar corpo com o início das obras de sua construção. Algum tempo mais tarde, surgiria ali uma série de oportunidades para inúmeras pessoas na periferia da zona sul de São Paulo.

A proposta é diminuir a exclusão social por meio dos acessos a programas e projetos de educação e de cultura, utilizados como instrumentos de formação de crianças e adolescentes.

A instituição originou-se do desejo de Cafu em contribuir para a transformação do bairro, onde nasceu o sonho de tornar-se jogador de futebol. A ideia de criar um espaço para oferecer a crianças e adolescentes de 3 a 18 anos a oportunidade do acesso à educação, à cultura e ao esporte, ganhou força num encontro entre amigos. A fun-

dação da ONG se deu na partida comemorativa aos 100 jogos do Cafu pela seleção brasileira. O jogo que arrecadou alimentos para a sociedade Pestalozzi, iniciativa que culminou na decisão do jogador em usar a força do esporte a favor de ações de inclusão. O início das atividades aconteceu em abril de 2004, quando a Fundação Cafu abriu as portas e mostrou à comunidade o trabalho que seria desenvolvido para seu crescimento e transformação.

A Fundação Cafu é uma entidade sem fins lucrativos, criadora de oportunidades de desenvolvimento, que ajuda a combater a desigualdade social. Propõe um sistema alternativo de educação para cerca de 750 crianças e adolescentes de baixa renda de idades entre 3 a 18 anos e 300 pessoas acima de 16 anos, com cursos profissionalizantes, artesanato e caminhada saudável.

Consultório Odontológico, Fisioterapia, Atendimento Psicológico, e Oficinas como canto, teclado, bateria, teatro, hip hop, basquete, capoeira, atividades lúdicas na brinquedoteca, graffiti e desenhos técnicos e o projeto voluntário Brincando de Bola que trabalha o futebol masculino e feminino estão entre as principais atividades promovidas pela ONG.

Informações retiradas do site da Fundação Cafu

Nossa Missão

Executar e manter programas que incentivem a inclusão social da comunidade do Jardim Irene e bairros vizinhos, orientando-os para que os mesmos busquem seus direitos como cidadãos, tornando-se agentes transformadores da sua própria realidade.

Visão

Tornar-se um espaço de referência, onde a comunidade

encontre meios de se desenvolver intelectual e profissionalmente, sensibilizada, torne-se agente de transformação social.

Valores

Ética, transparência, autonomia, respeito e humildade são os valores norteadores da atuação da instituição.

Marcelo Evangelista de Moraes é o atual presidente da Fundação Cafu. Fomos até ele para en-

tender como é ser o dirigente numa instituição que leva o nome de um craque com tamanha importância.

A palavra satisfação foi a primeira expressão utilizada por Marcelo quando perguntamos o que representa para ele comandar uma instituição como esta, "...dormir cada dia sabendo que consegui plantar uma semente do bem. Feliz por saber que cada jovem busca um futuro melhor frequentando a Fundação Cafu, aprimorando seu caráter, dignidade e educação".

Devido a sua atuação a Fundação Cafu atualmente é reconhecida internacionalmente pelos bons serviços prestados. Como prova de que o poder público atualmente se preocupa com a "saúde" das organizações não governamentais – ONGs, uma matéria na página do G1 na internet divulgou a assinatura de um conjunto de regras para a concessão de convênios entre as instituições e os governos.

Na data de 31 de Julho deste ano a presidente Dilma Rousseff sancionou o projeto de lei, que criou regras para a assinatura de contratos entre o setor público e organizações não governamentais, conhecido como marco regulatório das ONGs. O ato aconteceu em cerimônia no Palácio do Planalto e o projeto de lei já havia sido aprovado pelo Congresso Nacional.

Essa medida já era espe-

rada pelas organizações que há tempo defendem medidas que moralizem o segmento. Na ocasião a chefe do Executivo, avaliou o texto sancionado como um resultado de "amplo diálogo" entre o governo, a sociedade e o Legislativo. Ainda segundo Dilma, o marco beneficiou as organizações, que passaram a ter segurança jurídica em relação aos contratos.

A novidade das regras é que, as ONGs participem de um processo seletivo, por meio de chamada pública, para firmar contratos com as administrações, seja da esfera federal, estadual, municipal ou distrital.

Para firmar parcerias, as instituições deverão atender exigências como: Ter no mínimo três anos de existência, experiência prévia na área e comprovar capacidade técnica e operacional para desenvolver as atividades.

O novo marco contribui para aperfeiçoar as parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, com base na "valorização e fortalecimento das organizações, segurança jurídica e transparência e controle sobre os recursos públicos", avalia a Secretaria-Geral da Presidência, órgão responsável pela interlocução do Planalto com os movimentos sociais.

Leia o artigo completo sobre ONGs no Brasil e no mundo



Conjunto de regras visa a transparência nos contratos entre ONGs e poder público.



PUBLICIDADE



Estrangeiros invadem o Museu do Futebol Brasileiro

Instituição está preparada para atender visitantes do mundo todo

Por Tupinambá

Além de ser um local educativo, o Museu do Futebol é também um espaço turístico, já que seu acervo é motivo de adoração para pessoas do mundo todo. Por isso, o MF se tornou parada obrigatória para quem quer dar um passeio cultural pela cidade de São Paulo. Neste caso, os visitantes têm a oportunidade de aprender ou mesmo de recordar fatos e personagens que protagonizaram os melhores momentos do futebol brasileiro e internacional. Isso levou o Museu de Futebol a se tornar uma referência para o site Guia da Semana como um dos cinco museus “imperdíveis” da capital paulista.

Diariamente, o Museu recebe visitantes de todas as partes do mundo. Estes são acolhidos por uma equipe trilingue para informá-los sobre o seu conteúdo e os espaços a serem visitados. Esses colaboradores trabalham para proporcionar a melhor experiência aos estrangeiros. Além disso, o Museu também conta com equipamentos que traduzem para o inglês e espanhol os textos que estão em português. A forma pela qual o acervo é apresentado aos visitantes viabiliza a compreensão das informações contidas ali, tornando dinâmica a visita.

Muitos desses estrangeiros ouviram falar do seu conteúdo e, então, vieram conhecê-lo, relata Alex Lima que trabalha como guia do Ministério do Turismo. “A grande maioria

veio por indicação de amigos e familiares que recomendaram a visita ao Museu, por considerá-lo um grande e melhor arquivo nacional e internacional a respeito do assunto futebol”.

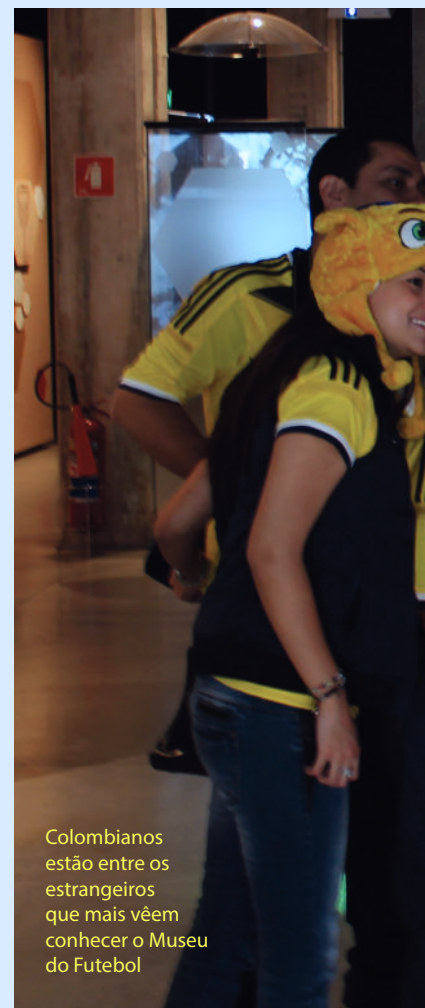
Ao visitarem o Museu, os estrangeiros buscam, por exemplo, informações sobre Pelé e outros heróis do futebol brasileiro, assim como sobre jogadores europeus que se imortalizam no passado.

Por uma questão cultural, os brasileiros não possuem o hábito de visitar os museus do país se comparado a outros países. A colombiana Kathy Cuadros, de Bogotá é frequentadora de museus; a cada mês, ela visita um museu diferente. Bióloga, ela viaja a trabalho por vários países e, sempre que pode, procura conhecer os seus museus. Quando visitou o Museu do Futebol, ela estava a passeio com sua amiga Stefy Porras para conhecer o país no período da Copa. Dois fatores foram determinantes para que ela fosse conhecê-lo: a indicação de amigos que já o conheciam e sua paixão pelo futebol, “O que mais me chamou a atenção foi a par-

te em que se pode ouvir todos os cantos da torcida”, diz Kathy.

O Áudio Guia foi de grande utilidade para a bióloga durante a sua permanência no Museu. O equipamento conta com o aparelho de áudio e um mapa que mostra toda a estrutura do Museu aos visitantes estrangeiros que têm total autonomia para passear livremente por todos os espaços. Para utilizar o equipamento, basta procurar o setor de guarda volumes do Museu que fica logo na entrada após as catracas, apresentar um documento original com foto retirá-lo e partir para uma viagem pelo mundo do futebol brasileiro.

Ao saírem do Museu, as co-



Colombianos estão entre os estrangeiros que mais vêm conhecer o Museu do Futebol

lombianas ficaram encantadas com o que vivenciaram e perguntadas sobre o algum ponto a ser melhorado, disseram que estava tudo muito bem organizado.



kathy e sua amiga Stefy Porras, posam para foto na visita a arquibancada, com o aparelho de Áudio Guia no pescoço.



A colombiana Kathy Cuadros conhecendo mais das origens do futebol brasileiro

Ta na Área é pra

Guardar

MUSEU DO FUTEBOL PODE AJUDAR COLECIONADORES A PRESERVAREM OS SEUS ACERVOS

Por Raphael Vasconcelos

Ao entrar no Museu do Futebol, os visitantes já se encantam com a primeira sala: trata-se da Grande Área, cujo nome se refere ao espaço do campo de futebol que já eternizou muitos craques da camisa 9. O local preserva um vasto acervo de imagens ampliadas, enquadradas e colocadas nas paredes da arquibancada do Pacaembu. Ali, o visitante encontra também imagens de flâmulas, botões, cartazes, capas de revista, álbuns de figurinhas e outros objetos dos seus clubes do coração.

Criada para homenagear os fanáticos colecionadores, a Grande Área conta com 523 quadros expostos. Entre tantos objetos históricos, destaca-se uma série de álbuns de figurinhas marcantes do maior colecionador de álbuns de futebol no Brasil, Moacir Andrade Peres, 61, desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Procurado por Tatiana Stepanenko, pesquisadora de produção e conteúdo do Museu, para compor uma sala com diversos itens de sua coleção, Moacir Peres cedeu os direitos



Figurinha das Balas Sportmans com o Desembargador

de imagens das suas coleções para serem reproduzidos e expostos na Grande Área.

Segundo Moacir, no Brasil, o que há de mais antigo referente

a figurinhas de futebol são as coleções das Balas Sportmans, que circulam a partir de 1919. Neste período, as figurinhas vinham embrulhadas nas balas

sem um suporte (álbuns) para serem coladas. Além disso, as primeiras representações de jogadores em desenhos saíam nos jornais da época retratando

os times do futebol paulista.

Já quanto aos álbuns de figurinhas, a pioneira foi a empresa A Americana com as Balas Futebol, lançadas em 1938. Por meio dos álbuns, os torcedores da época fortaleceram o elo com seus ídolos, em tempos em que o mais importante meio de comunicação de massa era o rádio.

Outra característica relevante para o desembargador é que estes álbuns da coletânea, inicialmente denominada Balas Futebol, Álbum Campeonato e, posteriormente, Balas Campeonato da empresa A Americana contaram com dois grandes artistas gráficos. “O Nino Borges que entre outras coisas fez histórias em

1960, nós tivemos um outro grande artista gráfico que foi o Miécio Caffé, que, além da diagramação e as capas dos álbuns, fez capas de discos de música popular e cartazes de cinema”, afirma Moacir. Seu maior desafio em adquirir estas coleções é ter estes antigos álbuns completos e que não foram trocados pelos prêmios da época.

Apesar da importância dos álbuns, Moacir Andrade sempre buscou outros produtos que marcaram sua geração como os carrinhos de autorama e jogos de botão. “Eu tenho na embalagem original dos jogos Estrela; o time que saiu da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil foi Tri-Campeão do Mundo. Então, se as Balas Futebol são o núcleo da minha coleção de álbuns, eu diria que, o núcleo da minha coleção dos botões são os da Estrela com caras de jogadores.”

Enganam-se quem pensa que estes álbuns deram somente um retorno lúdico e sentimental. Eles tiveram também uma importância na vida do Moacir. Todo este seu acervo o proporcionou, além de visibilidade, um convite à participação mensal do Grupo de Literatura e Memória do Futebol no Auditório do Museu, colocando-o como uma referência em termos de preservação histórica das personagens do esporte.

Moacir Andrade ressalta a originalidade do Museu do Futebol em comparação a outros Museus pelo mundo, por não se restringir a troféus e camisas. Isso tende a estimular colecionadores, historiadores, jornalistas e pesquisadores em geral ao hábito da preservação de objetos que contribuem para construir a memória esportiva do país. “A participação dos colecionadores – não apenas com empréstimos de livros – é muito importante, especialmente com informações que possam ser dadas sobre o futebol que é um universo gigantesco”, argumenta o colecionador.



As ilustrações de Miécio Caffé no Museu do Futebol



Figurinha premiada na sala da Grande Área



Botões da seleção também fazem parte do acervo de Moacir Peres.

SERVIÇO:

Os interessados em compartilhar seus objetos históricos com Museu do Futebol devem entrar em contato com a área de pesquisa, para saber como tratar o seu acervo. Contatos podem ser feitos pelos emails: acervo@museudofutebol.org.br e crfb@museudofutebol.org.br

Quadrinhos, que trabalhou na diagramação e as capas dos Álbuns da A Americana de 1944 a 1949. E a partir de 1950 até

A Esquadra contra o preconceito

OS TRÊS PRIMEIROS ÍDOLOS NEGROS QUE DRIBLARAM O PRECONCEITO

Por Raphael Vasconcelos

Tal qual um reflexo da própria sociedade em geral, também no futebol as diferenças sociais e raciais sempre estiveram presentes. Embora “bola no pé” nunca, de fato, tenha separado as raças, houve quem, no início do século, tentasse isso, como aconteceu com os clubes que lutavam para manter seus elencos apenas compostos por jogadores brancos.

Foi o que aconteceu, por exemplo, no Rio de Janeiro. O futebol carioca era regido nesta época pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, que defendia o amadorismo e proibia totalmente que os jogadores ganhassem dinheiro com o futebol. Segundo Roberto Assaf e Clovis Martins, autores da obra *Histórias dos Campeonatos Cariocas de Futebol de 1906/2010*, “Os clubes, especialmente os grandes, distribuíam benefícios distintos, de gratificações em dinheiro a empregos que não exigiam assiduidade. Mas rechaçavam o hábito perante o grande público, mantendo uma atitude, sobretudo hipócrita.

Além disso, só abriam espaço para os chamados ‘rapazes de boas famílias’, que chegavam precedidos de alguma recomendação, rejeitando sempre ‘as pessoas de cor’ que não tardaram a tornar o Vasco vencedor”.

‘Pela primeira vez, ‘estreando na elite do Campeonato Carioca em 1923, com jogadores negros e mulatos, o Vasco da Gama conquistou o título.

A equipe foi ajudada por comerciantes portugueses que custeavam os gastos do clube com os jogadores, dando tra-



balho e pagando para que treinassem. O clube lançou, assim, as bases de uma estrutura profissional em que o preparo físico dos atletas era o destaque. O resultado desse empreendimento foi à conquista, de forma avassaladora, do título com 12 vitórias em 14 jogos.

Mesmo após a conquista do Vasco, os clubes de elite carioca ainda não aceitavam a presença de negros ou mulatos em suas equipes. Escondidas atrás da fachada do amadorismo, essas equipes criaram, em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, que para manter as aparências convidou o Bangu – um time do subúrbio, formado por operários – para fazer parte do seu campeonato sob a alegação de que a nova entidade não era preconceituosa.

Já no meio da década de 1930, os clubes foram mudando o seu conceito. Três jogadores negros foram contratados pelo Flamengo com a intenção de aumentar a sua torcida. Fausto, “A Maravilha Negra”;

Domingos da Guia, “O Divino Mestre” e Leônidas da Silva, “O Diamante Negro”. Esses atletas tiveram passagens de destaque pelo Vasco, conquistaram o status de ídolos, aliando técnica e valentia dentro de campo, fazendo com que os torcedores os reconhecessem como craques do futebol, acimada cor e da raça.

Nascido em Codó cidade do Maranhão, o meio-campista Fausto dos Santos, marcou época em seis clubes em sua carreira, que se iniciou no Bangu, tendo passado também pelo Vasco da Gama, Barcelona (da Espanha), Nacional (do Uruguai), Flamengo e Young Fellows (da Suíça). O apelido de “A Maravilha Negra” lhe foi dado após duas brilhantes partidas em Montevideu, no Uruguai, pela seleção brasileira na primeira Copa do Mundo (1930): a derrota para

lugoslávia por 2 a 1 e a vitória por 4 a 0 contra a Bolívia. Na ocasião, os uruguaios o apelidaram de “Macanudo”. E no dia seguinte todos o chamavam de “A Maravilha Negra”.

Uma das primeiras estrelas do futebol brasileiro, por sua passagem por um grande clube europeu, o prestigiado Barcelona da Espanha, Fausto foi contratado juntocom o goleiro Jaguari, em 1931,

após a excursão vascaína pelo Velho Continente. Lá, Fausto fez muito sucesso e ganhou muito dinheiro, mas, também foi discriminado por sua origem humilde. Mesmo jogando o “fino da bola”, os jornais espanhóis estampavam artigos preconceituosos como o do jornal *Información*, publicado em setembro de 1931, segundo o livro *Gigantes do Futebol Brasileiro* de João Máximo e Marcos

**‘PELA PRIMEIRA VEZ,
‘ESTREANDO NA ELITE
DO CAMPEONATO
CARIOCA EM 1923, COM
JOGADORES NEGROS E
MULATOS, O VASCO DA
GAMA CONQUISTOU O
TÍTULO.**



de Castro: "Pela sua cor, os dois brasileiros do Barcelona constituem, sem dúvida, uma surpreendente atração para um music-hall futebolístico da Europa." Com todo o seu sucesso, "A Maravilha Negra" se deixou influenciar pela vida boêmia e os problemas de saúde não tardaram ao afligir os pulmões. Porém, em 1936, por indicação do técnico Flávio Costa, do Flamengo, foi contratado para fazer parte de uma equipe com mais dois grandes jogadores negros, Domingos da Guia e Leônidas da Silva cujas histórias a seguir se entrelaçaram na equipe rubro-negra.

No Museu do Futebol, na sala dos Heróis se homenageia o zagueiro, Domingos da Guia, outro grande craque apelidado pelos uruguaios de "Divino Mestre".

Que se orgulhou de ser o único jogador a conquistar três títulos por três países diferentes, o campeonato Uruguaio de 1933 e Carioca de 1934 e Argentino de 1935. Com muita qualidade na saída de bola da defesa para o ataque, Domingos, impunha respeito aos atacantes que enfrentava. Tamanha competência conquistou os torcedores brasileiros de forma, quase

que, unânime, o que lhe colocou como ídolo nacional. Seu talento fluía tanto que dava a impressão de ser genético (por ter três irmãos jogadores de futebol, mas, sem grande destaque), tanto que seu filho se tornou um dos maiores craques da história do futebol brasileiro herdando o apelido de "Divino", trate-se de Ademir da Guia, meio-campista camisa 10 que marcou época na famosa "Academia" (como era conhecida a talentosa equipe do Palmeiras).

Sua carreira brilhante, sempre teve lugar garantido na seleção brasileira, mas a equipe que mais desfrutou de seu talento foi a rubro-negra do Flamengo. Encaixando suas qualidades com as de Fausto e Leônidas.

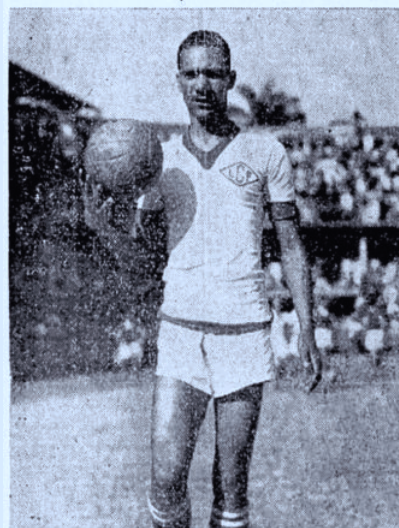
Leônidas da Silva foi um dos primeiros jogadores a investir no marketing pessoal. A empresa Lacta se empolgou com o sucesso do melhor jogador e artilheiro da Copa do Mundo de 1938 com seus sete gols anotados e batizou seu chocolate ao leite crocante de "Diamante Negro". O melhor executor do gol de bicicleta, mas popularmente conhecido no país como o inventor, despontou no clube do Bonsucesso. Até con-

quistar o mundo do futebol e também um espaço no Museu do Futebol. Foto 4

Apesar de todos estes grandes nomes, nessa temporada de 2014 um caso de racismo chamou a atenção da mídia no mundo, na partida entre Grêmio e Santos pela Copa do Brasil, uma torcedora foi flagrada pelas câmeras das emissoras de TV, chamando de "Macaco" o goleiro Aranha da equipe santista. Após a grande repercussão, ainda no gramado, o jogador só foi prestar queixa no dia seguinte. E a torcedora acabou perdendo o emprego e tendo que responder a justiça.

Levando ao clube Gaúcho a ser eliminado do campeonato por injúrias raciais em um julgamento do STJD (Supremo Tribunal de Justiça Desportiva). No dia 20 deste mês de Novembro comemora-se o Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem à morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares. Que em um ato de traição, foi capturado e degolado aos 40 anos de idade. Atualmente no Brasil a discriminação racial é tida como crime e o que é melhor, é inafiançável, com pena de até 3 anos de prisão.

A SITUAÇÃO DE FAUSTO



<http://www.netvasco.com.br>



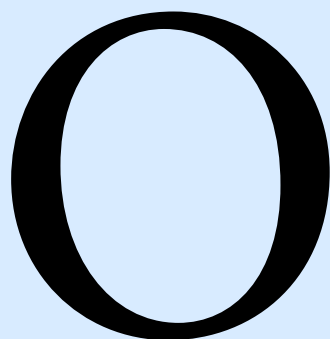
Domingos da Guia com a camisa do Flamengo



Museu do Futebol é pioneiro em ACESSIBILIDADE

Inclusão social e estratégia capacitam colaboradores para o atendimento

Por Tupinambá da Silva



Museu do Futebol Brasileiro é uma instituição que traz consigo a preocupação com o seu público desde a sua idealização. Seu projeto, desde o início, já incluía a atenção à acessibilidade.

Quando nasceu, o Museu do Futebol já trouxe, no seu DNA, o PANF – Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol, este programa visa inserir na sua estrutura métodos e sistemas de acessibilidade como, por exemplo, os totens de comunicação em vários idiomas espalhados pelas suas dependências. Neles, há uma breve explicação do que o visitante encontra em cada sala cujas informações estão em português, inglês, espanhol e também o braile.

Além disso, o Museu conta com áudio-guia, maquetes e peças de resina táteis para as pessoas cegas ou com alguma deficiência de cognição; elevadores e experiências táteis no piso e nas arquibancadas. Tudo isso a fim de proporcionar autonomia ao visitante com deficiência.

Aliás, pra quem pensa que acessibilidade é uma coisa voltada apenas para pessoas com necessidades especiais está enganado, o Museu inova a esse respeito. A comunicação visual do Museu do Futebol foi pensada com o propósito de orientar os visitantes desde o momento do seu ingresso, sempre com o cuidado de fazer com que o público sintam-se o mais à vontade possível durante a sua permanência ali.

Os visitantes do Museu contam também com o apoio dos colaboradores da Instituição, além de todo o suporte físico e material. Nesse sentido, existe uma preparação das equipes para o atendimento oferecendo mais conforto às pessoas que o visitam. É nesse contexto que se insere o Projeto Deficiente Residente. A iniciativa surgiu no ano de 2010, numa conversa entre os membros da própria equipe de recepção do Museu que sentiu a necessidade de melhor atender as pessoas com deficiência que visitam aquele espaço.

Com efeito, o projeto nasceu especificamente com a intenção de superar as barreiras no atendimento aos deficientes. Ele foi elaborado e implantado com um período determinado de cinco anos, sendo que, a cada ano dois residentes com necessidades específicas atuam no Museu. Na primeira edição, o Museu trabalhou com pessoas que possuem deficiência visual (uma cega e outra com baixo índice de visão). No ano seguinte, foi a vez da deficiência intelectual, quando qual atuaram no Museu um autista e uma pessoa com a síndrome de Asperger.

Já em 2012, o trabalho contemplou deficientes auditivos dois surdos oralizados, (com habilidade em leitura labial). Em 2013, foi a vez das pessoas com deficiência física (participou um cadeirante e uma residente com paralisia cerebral). Em 2014, o Museu deve lidar com pessoas deficientes mentais. 2015 está previsto o trabalho que reúna um pessoa com deficiência de cada uma das edições anteriores do Projeto.



Residente Fernanda é recepcionada por Marta Rossi para mais um dia de trabalho.



Orientadora Débora Oliveira conversa com Fernanda Magalhães para escrever mais um relatório de vivência.

Além disso, os residentes acompanham visitas com grupos, participando de atividades e fazendo tudo o que um visitante faz, mas sempre com olhar clínico buscando mudanças e melhorias. “Acho que pude contribuir um pouco no que diz respeito sobre como lidar com deficiência e como ajudar nas adaptações arquitetônicas”, destacou a residente Fernanda Bucci. Alguns educadores e orientadores fizeram uma experiência utilizando uma cadeira de rodas para se locomover pelo Museu e também na sua parte externa, com o intuito de constatar por si mesmos tudo o que era dito nas conversas com os deficientes. Outro objetivo era o de perceber a reação das pessoas ao verem um cadeirante e entender melhor como alguns podem se sentir de acordo de como são olhadas ou tratadas. Perguntamos à Ialê Cardoso, diretora

Os deficientes são contratados pelo Museu e passam a fazer parte do seu quadro de funcionários por um tempo determinado. Neste período eles alternam a convivência com os educadores e os orientadores do Museu numa constante troca de informações, que tem por objetivo identificar na prática as necessidades específicas de cada deficiente e com isto aprimorar o atendimento para o público. Dentre as atribuições os deficientes tem por objetivo fazer uma avaliação do espaço físico do museu, e consequentemente sugerir mudanças. O diálogo com os residentes foi um ponto importante do projeto, pois desta forma, eram tiradas dúvidas sobre as deficiências o que levou ao aprimoramento da abordagem para com os visitantes. Muitas vezes essas conversas aconteciam durante um passeio pelo espaço do museu, assim os colaboradores podiam ver quais dificuldades uma pessoa numa cadeira de rodas tem durante uma visita.





Fernanda interage na Reunião de pauta com os Orientadores

do Núcleo Educativo, com qual intenção o projeto foi criado. Segundo ela, a melhor maneira de fazer alguma coisa para as pessoas com qualquer tipo de deficiência é permitir que elas mesmas ensinassem aos demais o que é correto e o que não é bom para elas. Para Samuel Gibram, supervisor da equipe de orientação do Museu e colaborador desde o ano de 2008 foi muito positivo ter contato com os deficientes. Relatando que aprendeu muito com a presença dos residentes. Ele diz que se ouve muita coisa a respeito da realidade da pessoa com deficiência que na verdade não passa de mito e a convivência com elas, afastou estes mitos. “Trabalhar com os residentes é fundamental para adquirir segurança no trato com as pessoas com deficiência. Com essa atuação é possível perceber, até onde se pode ir com deficiente, saber qual é a autonomia de cada um e desmistificar muitas coisas que se pensa sobre essas pessoas”. Comentou Samuel. Alguns colaboradores do Museu afirmam que após terem tido o contato com o Projeto Deficiente Residente, sua sensibilidade para o outro foi aumentada, ou seja, para as necessidades de cada pessoa. Fazendo com que até mesmo no

olhar, eles já consigam identificar quando uma pessoa tem uma deficiência ou não, já que, não são todas as pessoas que aparentam possuir uma deficiência. A troca de experiências entre colaboradores e residentes foi ótima, nos diz Fernanda Bucci, 31 que tem paralisia cerebral. “Maravilhoso! Sempre falo que o período em que permaneci no Museu foi uma troca de experiência, de conhecimento muito gratificante para mim”, afirma. O resultado está sendo positivo à medida que esta ação vai se desenrolando. O Projeto vem ensinando aos colaboradores sobre como melhor lidar com as necessidades de cada um dos residentes que passaram e que ainda irão passar pelo Museu. O Deficiente Residente foi muito bem aceito e até elogiado pelos visitantes, que se sentiram valorizados com esta iniciativa, o que ocasionou o aumento no fluxo de visitas das pessoas com necessidades especiais. A iniciativa gerou uma série de convites de instituições para que representantes do Museu de Futebol deem palestras falando sobre esta iniciativa e seus resultados. As pessoas com deficiência querem ser valorizadas. De fato, o Projeto visa ensinar que, ao invés de



Rafael Hentshel acompanha visita monitorada de grupo escolar na sala da Grande Área

fazer algo pelos deficientes, o ideal é que as demais pessoas aprendam o quanto eles são capazes, o que é preciso e possível fazer para que elas assumam a própria autonomia.

Os deficientes avaliam positivamente o projeto do Museu e lamentam que uma iniciativa como esta, ainda não esteja inserida no contexto do cotidiano das empresas e organizações. Eles dizem que o termo acessibilidade muitas vezes é utilizado, mas, que não passa de teoria.

Em determinadas entrevistas é dito ao deficiente que a vaga existente é para uma pessoa cuja deficiência não seja aparente. Em outros casos a estrutura do local não possui qualquer recurso estrutural para a acessibilidade. Perguntado a Rafael Hentshel se ele conhecia outros projetos com essas características. Ele nos disse, “Não conheço outros projetos, nem ligados ao futebol nem em outros museus ou estabelecimentos, infelizmente!”

PUBLICIDADE



Férias no museu reúne várias **GERAÇÕES**



Oficina de Férias
é um dos grandes
atrativos das crianças
semestralmente no
Museu do Futebol.

Diversão cultura e interação diverte pais e filhos no Museu do Futebol

Por Raphael Vasconcelos

Muitas pessoas não se sentem entusiasmadas quando ouvem o termo museu. Para a maioria delas, o que vem a mente é que se trata de um lugar maçante e sem graça de se frequentar. Na verdade, os museus são verdadeiros mares de conhecimento esperando a nossa visita. Neles, nós viajamos no tempo e aprendemos, além de adquirir cultura e ampliar nossa capacidade de refletir sobre a evolução dos acontecimentos.

No Museu do Futebol, isso não é diferente. Aliás, aqui está situada uma grande quantidade de informações das quais muitas já fizeram parte de nossas vidas ou de amigos e até de parentes. Isto ocorre porque o gosto pelo futebol, por menor que seja, vai aflorar em cada um de nós mais cedo ou mais tarde, seja no encanto de uma jogada brilhante ou na vitória de um grande campeonato, marcando as nossas vidas para sempre.

Porém, o Museu do Futebol foi, além disso. A Instituição criou um projeto que integra não só o torcedor, mas a família inteira, tendo como público-alvo central os pequeninos. Trata-se do projeto Férias no Museu pelo qual a Instituição tem recebido, em média, oitenta crianças por dia em suas temporadas. Aqui são “ministradas” várias atividades com as quais elas se divertem enquanto aprendem. O projeto proporciona também a integração das famílias, pais, mães, irmãos etc.

As crianças moradoras de rua também participam abertamente das atividades do projeto Férias do Museu. Para atender esse público, um grupo de pessoas foi especialmente preparado. São osicineiros. Eles comparecem a cada temporada para ensinar artes como origamis, contação de histórias, pinturas e desenhos.

Crianças de todas as idades podem participar do projeto. Chegando ao Museu, osicineiros acolhem e coordenam as crianças a partir da sua faixa etária. “A partir dos 4 anos existe um melhor aproveitamento por conta da coordenação motora e interação com osicineiros”, afirma Renan Melo, técnico em produção de eventos e colaborador do Museu. Ainda segundo ele, para as crianças dessa faixa etária a melhor op-



Material disponível para as crianças



Contação de Histórias mexem com a imaginação das crianças

ção é o espaço de leitura, onde uma profissional conta histórias e as crianças podem participar com os pais, fortalecendo seus vínculos.

Em outra atividade as crianças exercitam a sua criatividade, como ocorre com os desenhos. Aplicados por Jean Richard, para ele o grande diferencial é promover autoconfiança fazendo com que acreditem que podem desenhar. Além disso, da importância à continuidade deste contato “Qualquer arte quando o primeiro contato é positivo, abre caminho pra quem sabe essas pessoas procurem isso fora da oficina”.

Habilidade destacada por um estudo britânico revelado pela BBC Brasil, que aplicou desenhos a crianças desde os quatro anos de idade e comparou dez anos mais tarde com a inteligência dos já adolescentes aos quatorze. Mostrou que os desenhos com mais atributos físicos feitos por estas crianças dez anos mais tarde, apontou uma correlação com a sua inteligência. Porém o pesquisador da Universidade britânica Rosalind Arden ressaltou que se trata de uma ligação moderada e

... ENTREVISTAS ...

Nos Acréscimos: Porque você leva sua filha para participar destas atividades?

Luana Lopes: Levo minha filha nestas atividades para desenvolver a criatividade e a integração junto com as outras crianças.

N. A.: O que você acha desta iniciativa do Museu?

L. Lo.: Excelente para ampliar o repertório de brincadeiras e os novos amiguinhos

N. A.: Você tem alguma sugestão a dar para o projeto?

L. Lo.: Não. Tanto os profissionais quanto as atividades minha filha adorou.

Nos Acréscimos: O que você mais gosta de fazer nas férias do Museu?

Anna Clara Lopes: Da contação de história e desenho.

Nos Acréscimos: Você já fez amigos lá?

A.C. L.: Sim. Um menino que morava na praça. Participou todos os dias e todos o tratavam muito bem.

A administração do Museu afirma que está satisfeita com os resultados do projeto. E já planeja está próxima temporada.

que os pais não devem se preocupar se as crianças desenharem mal.

Já no aprendizado com os origamis pais e filhos se interagem com a habilidade motora promovida pela artista Toshiko Hama, “Eu não restrinjo a oficina às crianças.

Sempre convido os adultos parentes e cuidadores que as acompanham, criando interatividade produtiva e que possibilite a continuidade dessa atividade em seus lares e instituições que as trouxeram, sejam escolas, ONGs, projetos de férias. Muitos retornam informando terem acessado fontes de instrução passo-a-passo que lhes dei”.

Atividade contemplada por Luana Lopes e sua filha Anna Clara Lopes que participaram das atividades.

Acesse o site para conferir a matéria da BBC Brasil:



O profissional Jean Richard comanda as crianças na Oficina

Esse "Si"

Dúvidas dos visitantes

Esta seção foi criada em função dos pós-jogos no futebol, quando os torcedores trocam opiniões sobre as partidas. Desse "debates", surgem várias hipóteses (bairristas ou imparciais) sobre como teria sido determi-

nado lance ou partida de futebol se fossem outros os fatos. Por uma questão fonética o "se" torna-se o "Si". Um sujeito figurado, que é a "solução" para todos os resultados contrários dos fatos e das opiniões, instigando a diver-

sas reflexões sobre o que poderia ter acontecido.

Tal efeito costuma receber o apelido de "choro" por parte de quem, na maioria dos acontecimentos futebolísticos, se frustrou com o resultado ou não

concorda com a outra opinião. Essa divergência de opiniões é um dos fatores que faz com que o futebol marque o cotidiano do torcedor. Essa divergência é, inclusive, objeto de discussão de vários programas de rádio e TV



"Si" não existisse Fair Play (bom senso), como seria o futebol?

Bruna Colucci: A filosofia do Fair Play serve, entre outras coisas, para manter o "bom senso" no esporte, para realçar o espírito de "desportividade" dentro e fora do campo. Acredito que quando se fala de futebol, regra nenhuma pode ser 100%; tudo depende da análise do momento, do contexto em que

tais situações se encontrarem. Por exemplo: se a filosofia do Fair Play for levada ao pé da letra, voltaremos ao início do século 20 em que o futebol era um esporte de cavalheiros e prezava principalmente pela moral em campo. Se o futebol, principalmente o brasileiro, não tiver malícia, brincadeira,

paixão visceral, então não será futebol. Tudo tem que ser muito bem dosado, é claro que a honestidade, a conversa calma são sempre bem vindas, mas as regras não podem ser engessadas, senão a fórmula essencial fica do lado de fora do campo.

"jogasse?"

que motivam opiniões

no Brasil e no mundo, o que se da quase sempre por meio das chamadas mesas redondas.

Nossa reportagem ouviu dois educadores do Museu do Futebol para saber que tipo de dúvida tiveram que responder,

apresentada por visitantes, em relação ao esporte. Dúvidas cujas respostas exigiam mais do que as informações encontradas nas tradicionais publicações da área, na própria regra do esporte ou divulgadas pela imprensa.

Exigiam dos educadores uma opinião própria, especialmente formulada. Em nossa próxima edição, publicaremos algumas perguntas que forem enviadas ao Museu aos cuidados do "Si".

Mande a sua dúvida para a

nossa seção.

eseosijogasse_nosacrescimos@gmail.com

Nesta edição, quem responde são os educadores do Museu do Futebol, Bruna Colucci e José Rodrigues Neto.



"Si" os negros fossem impedidos de jogar até hoje, teria o futebol brasileiro tomado um rumo diferente?

José Rodrigues Neto: Imaginar o futebol sem negros. É o mesmo que pensar no mundo sem água. Imagino que não teria muito futuro aqui no Bra-

sil. Algumas das modificações como, por exemplo, o drible foram "desenvolvidas" por eles. Outro exemplo é a "bicicleta", de Leônidas da Silva. Sendo

assim, talvez o futebol fosse um esporte tão sem alegria e emoção e, por isso, provocasse interesse entre os brasileiros.

DESENHO

ENVIE SEU DESENHO
PARA A REVISTA NOS
ACRECIMOS. ELE PODERÁ
SER SELECIONADO
E PUBLICADO NAS
PROXIMAS EDIÇÕES

VAMOS COLORIR?



JOGO DOS 7 ERROS



VAMOS DESCOBRIR NO QUADRO, NA HORIZONTAL, VERTICAL E DIAGONAL, A PARTE DESTACADA DESSAS 5 MODALIDADES ESPORTIVAS TAMBÉM DISPUTADAS NAS OLIMPIADAS?

- VOLEIBOL
- HIPISMO
- GINÁSTICA OLÍMPICA
- SALTOS ORNAMENTAIS
- HANDEBOL



T	L	G	U	M	R	B	N	A
V	H	I	P	I	S	M	O	I
O	R	N	G	J	X	F	S	L
L	T	A	S	A	L	T	O	S
E	S	S	A	D	T	B	T	I
I	D	T	L	I	E	L	H	S
B	E	I	G	D	C	F	C	T
O	I	C	N	L	L	N	I	R
L	P	A	U	M	F	C	L	E
U	H	E	J	X	C	P	T	L

MUSEU DO FUTEBOL



Museu do Futebol - Praça Charles Miller, S/N - Estádio do Pacaembu
São Paulo - (55) 11 3664-3848 - contato@museudofutebol.org.br

PUBLICIDADE

